

Minha Família Está Morrendo!

Lenta e dolorosamente, a família do jovem médico estava morrendo envenenada. E ninguém sabia dizer de onde vinha o veneno letal

JEAN LIBMAN BLOCK

TUDO COMEÇOU há três anos. O Dr. Thomas J. McDevitt, médico-residente num hospital de Los Angeles, Califórnia, verificou que estava cansado o tempo todo e sem apetite. Bruna, sua esposa, mal conseguia arrastar-se para fazer o trabalho caseiro, e freqüentemente sentia um ligeiro mal-estar no estômago. O pequenino Sean, de quase quatro anos, apenas beliscava a comida. Margie, de três anos, normalmente com bom apetite, passara a deixar o prato pela metade. Charlie, com apenas um ano e meio, chorava muito e mal comia. As três crianças sofriam de constantes dores de estômago. Só o bebêzinho se man-

tinha bem disposto, alegre, sem queixas e com apetite.

“Acho que estamos todos com gripe”, disse Tom a Bruna.

Ninguém da família estava passando mal a ponto de justificar o cancelamento da festa de quarto aniversário de Sean. Os jovens convidados brincavam alegremente, mas os filhos de McDevitt mostravam-se desanimados. Sean, em especial, estava irritadiço e brigou com outro garotinho que o fêz levar um tombo. Sean levantou-se aos prantos, com um galo na testa—galo que, em última análise, pode ter-lhe salvo a vida.

Depois que os amigos se retiraram, Sean ficou pela casa deprimido, não

jantou, e pediu para ir deitar às oito horas. Meia hora depois, Tom ouviu gemidos de dor vindos do quarto do filho; encontrou o menino dormindo, mas vomitando. Enquanto lhe trocava o pijama, observou que Sean se movia como atordoado.

—Deixe ver você mexer a perna— disse Tom carinhosamente.

O menino parecia perplexo. Foi então que Tom compreendeu que seu filho estava com o lado esquerdo paralisado.

Tom sabia que a paralisia em seguida a um golpe na cabeça geralmente significa o rompimento de um vaso sanguíneo no cérebro. Sendo este o caso, faz-se necessário uma operação para aliviar a pressão no cérebro, evitar a coma e a morte. Em segundos Tom estava ao telefone, ligando para o pediatra da família, o qual, por sua vez, mandou que Sean fosse levado imediatamente para o Hospital St. John, em Santa Mônica, para uma operação de emergência.

Embora a paralisia houvesse diminuído quando Sean chegou ao hospital, o menino tinha apenas movimentos limitados do lado esquerdo. O Dr. Duke Hanna, neurocirurgião, achou que a melhora era um bom sinal, mas mesmo assim resolveu operar.

Depois de anestesiarem Sean e de lhe rasparem o cabelo ruivo, chegaram os resultados dos exames rotineiros de sangue e de urina. O sangue revelou uma anemia pronunciada, com uma contagem de glóbulos

baixa, revelando desnutrição aguda. Tom ficou encabulado e admirado. Bruna McDevitt sempre servia refeições nutritivas e equilibradas, insistindo em que seus filhos comessem tudo até ao fim e bebessem bastante leite e sucos de frutas. Como poderia Sean estar anêmico?

Tom teve pouco tempo para meditar sobre o problema, pois o cirurgião já tinha aberto o crânio de Sean. Depois fez-lhe uma incisão no revestimento externo do cérebro. Viu-se um jato súbito de claro líquido cerebral, mas nada de sangue. Aliviado, Tom correu para o telefone. “Não houve hemorragia”, disse êle a Bruna. “Sean vai ficar bom.”

Passadas algumas semanas, Tom verificou que àquela altura os cirurgiões estavam menos otimistas do que êle, receando que o jato de líquido cerebral sob pressão indicasse um tumor. Apesar disso, haviam adotado uma atitude de expectativa, nada dizendo que pudesse alarmar os pais. Nesse ínterim, mantiveram Sean na cama, recebendo transfusões de sangue para combater a anemia. Quase imediatamente, o garotinho recuperou a saúde e a côr das faces.

Nos primeiros dias em casa, Sean mostrou apetite vigoroso. Em breve, porém, começou a declinar o seu desejo de comer e o corado de seu rosto esmaeceu. As outras crianças, Margie e Charlie, mostravam também cada vez menos interesse pela comida. Estariam estragando o apetite com muito suco de frutas antes do jantar? Durante alguns dias os

McDevitt fizeram sumir da mesa a jarra de suco, e toda a família começou a se alimentar melhor. Tom e Bruna, porém, acreditavam que os sucos de frutas eram importantes na alimentação das crianças em crescimento e também para adultos. E assim voltou à mesa a jarra de suco, limitando-se as crianças a meio copo antes das refeições.

Algumas semanas depois recomeçou o problema. Dessa vez era a pequenina Margie que parecia a mais irritada e a mais cansada. Sabedor de que havia casos de diabetes na família, Tom levou amostras do sangue e da urina da meninazinha para exames de laboratório.

No dia seguinte, o laboratório revelava que a composição química do sangue era normal, mas que indicava anemia profunda. O laboratorista tirou sangue de Tom para comparar com o da filha. Naquela mesma tarde o patologista-chefe, Dr. Ben Fishkin, chamou Tom ao seu consultório. "Dr. McDevitt", disse-ê, "o senhor e sua filha estão muito anêmicos. Os exames revelam doses quase letais de envenenamento por chumbo."

Envenenamento por chumbo! A idéia ultrapassava a compreensão de Tom. Como poderiam todos estar absorvendo quantidades letais de chumbo? De onde viriam?

Começou então um período ansioso de investigação. Primeiro, Tom examinou os encanamentos da casa para se certificar de que não havia canos de chumbo. Nenhum. Mandou analisar a água. Era pura. As crianças

estariam mastigando alguma coisa revestida de uma tinta à base de chumbo? Mas, uma vez que nem êle nem Bruna eram dados a roer as grades das caminhas nem os peitoris das janelas, isso devia ser abandonado como explicação.

Entrementes, outros exames de sangue haviam provado, sem dúvida, que o mau estado de saúde de cinco dos McDevitt e também a paralisia e a inchação cerebral de Sean eram devidos a envenenamento por chumbo. Só o bebê não fôra atacado.

Só o bebê. Tom estava uma manhã raciocinando sobre esse fato enquanto via Bruna servir à família suco de laranja contido numa jarra marrom de cerâmica que um amigo lhes havia trazido do México. Desde então a bonita peça estivera em uso permanente como recipiente para sucos. De repente acudiu à mente de Tom uma relação vagamente lembrada entre a cerâmica e o chumbo. Lembrou-se de que o chumbo constitui importante ingrediente na vitrificação de cerâmicas. Olhou a jarra com atenção. Toda a família, com exceção do bebê, bebia sucos da jarra. E toda a família, com exceção do bebê, estava sendo envenenada.

"Esvazie a jarra", disse Tom a Bruna. "Vou levá-la ao laboratório."

O Departamento de Saúde Pública de Santa Mônica entrou em ação imediatamente. No dia seguinte, o Dr. Harold N. Broderson, inspetor regional de saúde, apresentou a Tom um saquinho plástico cheio de um pó branco que apresentava uma con-

centração letal de chumbo. "Extraído da jarra com apenas uma lavagem de ácido", disse êle.

Estava desvendado o mistério.

As crianças McDevitt foram internadas para uma série de tratamentos penosos que removeram o chumbo acumulado em seus organismos. Seus pais, menos afetados, devido à estrutura e às menores quantidades de suco ingeridas, recuperaram-se em casa. Menos de duas semanas depois de Tom haver tirado a jarra de cerâmica da mão de Bruna, os McDevitt—adultos e crianças—haviam recuperado o apetite, as fôrças, o bom humor e a saúde.

Mas o episódio não estava inteiramente terminado. Quantas outras famílias, sem o saberem, enfrentavam a ameaça de envenenamento por chumbo em suas casas? Como poderiam elas ser advertidas e salvas?

Tom McDevitt empreendeu a tarefa de descobrir. Ficou sabendo que os compostos de chumbo são amplamente usados em cerâmica para a obtenção de uma superfície lisa e brilhante, resistente a temperaturas altas e baixas. Quando aplicados adequadamente, são inofensivos. Mas se a cerâmica não foi cozida por tempo suficiente, a temperaturas suficientemente altas, ou se a vitrificação não fôr feita com perfeição, ela não vedará completamente. Quando se despeja um ácido, como o do suco de laranja, numa jarra mal vitrificada, o chumbo se infiltra no suco.

Embora conhecido há muitos anos o problema da lixiviação do chumbo

na cerâmica, Tom descobriu que não existem restrições à importação nem a exigência de inspeção da cerâmica artesanal que entra nos Estados Unidos. Não há rótulos que avisem os consumidores dos possíveis perigos. E uma vitrificação imperfeita não pode ser percebida olhando-se simplesmente o objeto de cerâmica.

Começou-se a trabalhar em muitas frentes para modificar a situação. A Associação dos Ceramistas dos Estados Unidos tem conhecimento do problema e está tomando providências para corrigi-lo, instituindo um programa para a fiscalização da vitrificação. Tom e outros têm tentado alertar o Govêrno mexicano sobre os riscos que está correndo o seu povo. Cientistas acham que é possível que haja muito envenenamento por chumbo entre a população rural do México; porém os sintomas são tão fáceis de confundir com a desnutrição que o mal provocado pelo chumbo passa despercebido.

Naturalmente, os McDevitt não mais usam qualquer objeto de cerâmica popular para alimentos. "Uma coisa simples como a rotulagem da cerâmica poderia ter-nos salvo a todos da doença e evitado a séria operação de nosso filho", diz Bruna McDevitt. "Muitas vêzes me pergunto quantos outros casos não são descobertos a tempo—ou nunca são descobertos. É por isso que Tom, como médico, acredita que é seu dever continuar trabalhando para ajudar outras famílias a evitarem a quase tragédia que se abateu sobre nós."